

1924: E.M.Forster e seu último romance, *A PassagetoÍndia*

Wendell Ramos Maia – UEM

INTRODUÇÃO

Para sob *A PassagetoÍndia* uma conotação política que E.M.Forster não pretendia, mas que acabou se tornando inevitável dado o contexto em que o romance foi publicado, junho de 1924. Os eventos entre os anos de 1919 e 1920, ambos no Egito e na Índia, lugares onde ele tinha estado, além da Irlanda, o afetaram profundamente e se fizeram sentir de muitas maneiras ao longo do processo de produção de *A PassagetoÍndia*, que durou cerca de 12 anos. Nesse sentido, o romance, iniciado em 1912, qualquer que tenha sido sua concepção original, foi profundamente influenciado por isso, como frisou um de seus biógrafos, P.N.Furbank. Mas não foi só o romance. O homem por detrás do romancista também começava a divisar novos horizontes. A gestação do crítico e ensaísta se deu naqueles anos, entre 1919 e 1924, em meio a uma série de problemas e conflitos internos que marcariam o início de uma nova fase em sua vida — o *homem* e o *crítico* acabaram emergindo enquanto o *romancista* submergia em meio às profundas transformações que andavam em curso.

O bloqueio criativo que deu vasão a tantas dificuldades para concluí-lo se arrastava desde a publicação do romance que lhe rendeu a aclamação da crítica, *HowardsEnd*, em 1910, e se aprofundou no ano seguinte com a morte de LouisaWhichelo, sua avó materna — “a morte de sua avó destruiu a vida de sua mãe e modificou definitivamente seu caráter; a vida deles nunca mais foi a mesma depois disso” (2010, p.197), como observou Furbank. Nesse contexto, com carreira literária interrompida e com problemas pessoais que pareciam simplesmente insolúveis, ele ainda tinha que lidar com as incertezas do mundo do pós-guerra, o que o deixava inquieto e perturbado. E essa situação acabou comprometendo não só sua carreira literária, mas todo o processo de composição de *A PassagetoÍndia*. E é justamente isso que queremos frisar. O

que se pretende aqui não é mera análise do romance, mas um exame do processo de sua composição, situando e discutindo os acontecimentos que podem tê-lo influenciado. O homem que publicou *HowardsEnd*, em 1910, não foi o mesmo que publicou *A PassagetoIndia*, em 1924. A Inglaterra também não era mais a mesma. A letargia que a havia dominado depois da morte da Rainha Vitória chegou ao fim com os tiros de canhões vindos do outro lado da Mancha em 1914. Após a vitória, o Império, até então revestido de uma couraça que parecia impermeável, começou a dar sinais de fadiga e fraqueza. Nesse cenário, *A PassagetoIndia* aparece como um presságio das críticas que iriam recair sob os ombros do Império ao fim da Segunda Guerra Mundial, 20 anos depois de sua publicação.

Nesse sentido, temos que nos ater não apenas a essas dificuldades de cunho pessoal que marcaram os anos em que ele estava escrevendo o romance, mas também a conjuntura política e social inglesa e do Império Britânico do começo da década de 1920, pois, de uma maneira ou outra, isso pode nos ajudar a compreender melhor não só o resultado final desse esforço, o romance em si, mas também concepções e as motivações que nortearam esse trabalho que levou mais de uma década para ser concluído.

1924: O ano de *A PassagetoIndia*

Em *A PassagetoIndia* E.M. Forster não vê, obviamente, o lado econômico da empresa colonial — que, de fato, era o que fazia com que a Inglaterra mantivesse a ocupação — mas o lado humano, através das relações entre a Senhora Moore e Adela Quested com o Dr. Aziz, um médico indiano. A altura em que ele o escrevia, a Índia não era mais um longínquo posto comercial como o era no século XVIII — era a colônia mais populosa e mais lucrativa. E os ingleses conseguiram isso mediante a esforços e fazendo uso de mecanismos dos mais variados para manter sua posição no subcontinente. Mesmo que o levante de 1857 tenha sido sufocado, uma oposição contra a ocupação resistiu, tendo emergido esporadicamente até a independência da Índia, em 1947. E embora essa resistência pareça latente no momento em que

Adela e a Senhora Moore chegam à Índia, ela é explorada no romance a partir do incidente nas Cavernas de Marabar. O incidente aferra os ânimos deixando as vísceras de fora, da mesma maneira como aconteceu quando do massacre de Amritsar, na Índia, em 1919, quando os ingleses atiraram contra uma manifestação pacífica, deixando algumas centenas de mortos.

Forster nunca pretendeu fazer algo nos moldes de *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad. “A questão das relações pessoais e das amizades”, segundo Stone, “é o ponto central do livro e ofusca inteiramente a questão política”(STONE, 1966, p. 320-321). E para que isso fique claro, a visão de Stone, é interessante observarmos o que próprio Forster escreveu em um artigo intitulado *The challenge of our time* [O desafio do nosso tempo], em 1946: “Por temperamento, eu sou um individualista. Profissionalmente, eu sou escritor e meus livros dão ênfase na questão das relações pessoais e da vida privada porque eu acredito nisso” (FORSTER, 1951, p.55). Nesse sentido, se havia alguma coisa por detrás do romance, além de seu interesse pelos personagens, certamente era isso: as relações entre as pessoas. A própria trama do romance o denuncia.

Além disso, temos de pensar que, ainda que um romance esteja retratando um lugar real, não se pode exigir dele um grau de realismo maior daquele que ele é capaz de transmitir. Nesse sentido, segundo Said, “Forster usa a Índia para apresentar conteúdos que, segundo os cânones do romance, não são passíveis de representação: a imensidão, crenças incompreensíveis, movimentos, histórias e formas sociais secretas” (SAID, 2011, p.315). É isso o que esta por detrás do romance — a dificuldade captar e descrever o ambiente deu lugar a uma estratégia pouco convencional: a Índia do romance aparece distorcida, enigmática. O próprio Forster o admitiu em uma carta a William Plomer, de em 28 de setembro de 1934, “tentei mostrar que a Índia é um inexplicável caos” (FURBANK; LAGO, 1985, p.125).

De todo, a intenção em conjunto com o seu humanismo, além do contexto histórico, acabou dando o tom do romance. O humanismo da Senhora Moore suscita as críticas que acabam tendo uma conotação política. E de fato elas tiveram porque a sucessão de revoltas espalhadas pelo Império sugeria

que a insatisfação era generalizada — Índia e Egito em 1919, Irlanda entre 1916-1922. Mas ainda assim, não se pode dizer que *A PassagetoÍndia* tenha contribuído para o avanço do anti-imperialismo no seio do Império. Muito embora o aparecimento desse romance naquele contexto seja, no mínimo, sintomático.

O fato é que essa insatisfação e essa instabilidade política nas colônias fizeram com que um evento fosse rememorado — o motim de 1857.

Os ingleses haviam expulsado os franceses da Índia quando do término da Guerra dos Sete Anos (1756-1763). No período que se seguiu, a Companhia das Índias Orientais consolidou o monopólio inglês de comércio com o subcontinente. No entanto, nas primeiras décadas do século XIX, os ingleses partiram para suas primeiras investidas para anglicizar a Índia. As décadas que se seguiram à derrota de Napoleão foram marcadas pelos primeiros enfrentamentos suscitados pela entrada de missionários ingleses e o seu desejo de eliminar certas práticas hindus. Nesse sentido, o motim foi uma explosão de revolta contra o invasor. O estopim, como se sabe, se deu quando se espalharam rumores de que cartuchos que seriam utilizados pelos soldados indianos eram lubrificadas com gordura animal, afinal, era preciso arrancar a ponta deles com uma mordida antes de usá-los, e assim, tanto os hindus como os muçulmanos corriam o risco de ficar impuros — os primeiros, se a gordura fosse de vaca; os segundos, se fosse de porco. “E foi assim que um projétil começou o conflito antes mesmo de ser carregado, quanto mais disparado” (FERGUSON, 2010, p.163). E uma vez começada, a revolta se espalhou com velocidade por todo o noroeste: Allahabad, Cawnpore e culminou com a ocupação de Dehli.

Para os indianos, segundo Said, o Motim foi uma sublevação de caráter nacionalista — mas talvez não tenha sido exatamente isso. Não podemos nos esquecer de que eles lutaram nos dois lados — os ingleses recrutavam indianos para servir em seu exército. Sem que houvesse esse colaboracionismo, a ocupação não teria se mantido por tanto tempo. Em 1848, havia 28.700 ingleses e 235.000 indianos servindo o exército no subcontinente. A mudança, em 1881, é visível: havia mais ingleses do que indianos, mas o

contingente total é quase o mesmo, 69.647 ingleses e 125.000 indianos (CANALES, 2008, p.281). Esse aspecto a que Said faz alusão não pode ser pensado em sua acepção moderna. Ele diz literalmente: “Para os indianos, o Motim foi uma sublevação nacionalista contra o domínio britânico, que se consolidava inflexivelmente, apesar dos abusos, da exploração e das reclamações indianas, aparentemente ignoradas” (SAID, 2011, p.239). Que havia insatisfação e descontentamento por parte dos indianos, isso não se discute. Mas não cabe a ideia de que a revolta tivesse a intenção de expulsar os ingleses dali ou de independência. A Índia passou a ser governada depois e não antes da revolta — o ocorrido em 1857 foi uma explosão contra o invasor, com o intuito de repelir algumas intromissões, a começar pelos cartuchos. Até então quem controlava o comércio era a Companhia das Índias Ocidentais — e a isso se resumia à presença inglesa, à Companhia e a um contingente de forças para proteger seus postos comerciais. O Vice-Reinado foi estabelecido depois, com o fim do Motim. Portanto, é complicado falar em independência nessa situação — não havia governo estrangeiro com que romper. Além disso, não havia uma unidade territorial. A comparação não é das mais adequadas, mas a Índia, como a Alemanha antes de Bismarck, era fragmentada, havendo pequenos estados, parte deles sob controle britânico direto e outros não. A unidade, ou talvez o sentimento nacionalista, se tornou palpável no século XX, com Gandhi — tanto que alguns estados aderiram à Índia depois da independência ter sido concedida, em 1947. E esse fator evidencia a fragmentação política que ainda se fazia sentir. Além disso, foi com o Massacre de 1919 que se conseguiu unir hindus e muçulmanos em uma causa comum, expulsar os ingleses. Portanto, antes disso, é complicado falar em nacionalismo indiano — muito embora, como disse Ferguson, o Motim seja considerado, pelos indianos, como a “Primeira Guerra de Independência.” (FERGUSON, 2010, p.164).

Mas, em 1919, as coisas eram diferentes. O que aconteceu em Amritsar, em 1919, na Índia, e em 1920, na Irlanda, não chegou perto do que ocorrera em 1857. Mas seus efeitos foram, seguramente, mais destrutivos para a política imperial.

O Massacre de 1919 não fora mera insubordinação. Suas causas estão atreladas aos desdobramentos da Grande Guerra, além das mudanças de cunho político que a Índia vinha sofrendo, tanto na esfera governamental, quanto na organização de setores da sociedade que, nesse momento, liderados por Gandhi, pregavam a independência — e esse era um fator novo. A Índia — razão pela qual a Inglaterra estava no Egito — também preocupou os ingleses em 1919, afinal, “o que antes eram solicitações polidas por autogoverno limitado [o que fizeram as demais colônias, anteriormente, a começar pela Irlanda] se transformaram em exigências de governo local” (MACMILLAN, 2004, p. 449).

Ocorre que a situação era crítica e tumultuada. Uma epidemia de gripe matara 12 milhões de indianos e os muçulmanos estavam indignados com o problema do califado (as notícias vindas de Paris sugeriam que as potências ocidentais pretendiam desmantelá-lo e depor o Sultão). Procurando atenuar a situação, a Inglaterra publicou o que ficou conhecido como Relatório de Montagu-Chelmsford, um conjunto de propostas baseadas na ideia de uma diarquia, (MOFFAT, 2010, p.109; FURBANK, 2010, p.68-69), o que dava a oportunidade aos indianos de participar do governo. Embora tenha sido bem recebido, e isso tenha acalmado os ânimos, logo em seguida, o Governo Britânico publicou outro documento, esse de caráter muito diferente, e que depois ficou conhecido como Comissão de Rowlatt — o presidente dessa comissão se chamava Sir Sydney Rowlatt, daí o nome. Esse documento tinha um teor parecido com a D.O.R.A. — uma lei que, após o estouro do conflito, em 1914, limitou as liberdades civis na Inglaterra. Na Índia, ao longo da guerra, uma lei parecida havia entrado em vigor. O fato é que, em 1919, e tendo o conflito acabado em novembro de 1918, através desse novo documento, ela seria mantida por pelo menos mais 3 anos. Diante disso, a população agiu à convocação de Gandhi para uma greve geral como protesto.

No dia 30 de março, uma multidão de 30 mil pessoas havia se reunido em uma manifestação pacífica em Amritsar. No dia 6 de abril, houve mais uma manifestação. Foi então que dois líderes delas foram presos e deportados. A população reagiu a isso com violência — o que Gandhi não esperava. Em meio

ao tumulto, no dia 11, chegou o general Dyer, que deu ordens expressas proibindo qualquer tipo de concentração de pessoas. Mas a população o ignorou e no dia 13, 20 mil pessoas se aglomeraram no Jallianwalla Bag num desafio a suas ordens. Sem escrúpulos e com a saúde debilitada, ordenou que seus soldados cercassem a multidão e que abrissem fogo. “A multidão não tinha nenhuma chance de se dispersar, já que o terreno de dois hectares do local do encontro era cercado por muros dos quatro lados e havia apenas uma entrada estreita”(FERGUSON, 2010, p.343-344). O saldo: 379 mortos e 1500 feridos.

No caso da Irlanda, a repercussão de Croke Park teve efeito devastador porque havia séculos que a população da ilha se mostrava insatisfeita com sua situação. Na verdade, a situação da Irlanda estava se tornando insustentável. Como disse Said, o nacionalismo irlandês, pelo menos nos últimos dois séculos, esteve “marcado por lutas intestinas sobre a questão da terra, da Igreja, a natureza dos líderes e partidos.” Contudo, o que prevalecia era o esforço por “reconquistar o controle da terra onde, nos termos da proclamação de 1916, que fundou a República Irlandesa, ‘o direito do povo da Irlanda à propriedade, e à livre determinação dos direitos irlandeses, [deve] ser soberano e irrevogável””(SAID, 2011, p.367).

O fim da guerra com a Alemanha em novembro de 1918 havia deixado o Império mais vulnerável, o que significa dizer que nenhum ato de teor separatista seria aceitável naquele momento. Politicamente falando, a integridade do Império era prioridade. No entanto, o republicanismo irlandês se mostrou desafiador. O Exército Republicano Irlandês travava uma guerra de guerrilha com os ingleses, e entre os atos de terrorismo para desestabilização da força britânica na ilha, houve uma série de assassinatos de agentes ingleses, o que gerou a retaliação — os britânicos cercaram o estádio de Croke Park e abriram fogo contra multidão na manhã de 21 de novembro de 1920. Um ato extremado que acabou causando tanto repúdio na Inglaterra quanto na própria Irlanda.

E E.M.Forster não ficou indiferente ao que acontecia. De alguma maneira ele o demonstrou, em seu último romance, o que pensava desses

acontecimentos. Suas concepções com relação à política imperial britânica estão mais próximas das da Senhora Moore do que de qualquer outro personagem. Contudo, elas foram mudando com o passar do tempo. Ao longo da década de 1920 ele passou por um processo de depuração interna, perdendo a timidez que o caracterizava até então — “sua coragem moral”, aquela que apareceria nas coletâneas *AbingerHarvesteTwoCheers for Democracy*, “emergiu apenas depois da publicação de *A PassagetoIndia*, que o fez famoso, e a suas ideias serem respeitadas, e depois que ele viveu plenamente sua sexualidade em um relacionamento,”(BEUAMAN, 1993, p.285) como observou Nicola Beuaman.

Em carta a Masood, de setembro de 1922, ele escreveu:

Quando comecei esse livro [*A PassagetoIndia*], pensei em uma ponte simbólica entre o Ocidente e o Oriente, mas essa concepção se foi, e meu senso de razão me proíbe [pensar] algo tão louvável. Acho que muitos indianos, assim como muitos ingleses, são desprezíveis e não estou interessado se eles são simpáticos com os outros ou não (FORSTER apud FURBANK 2010, p.106).

Essa passagem nos faz pensar em duas coisas: primeiro, sua visão idealista fora suplantada por uma mais realista com o passar do tempo, o que ajuda a explicar a dificuldade em concluir o romance — ele teve de fazer modificações na história e no tom de sua escrita por conta dessa mudança. Além disso, o fato de ter levado mais de dez anos para ser concluído, sendo que nesse espaço de tempo, entre 1912-1924, nos coloca diante do segundo fator a ser destacado com base nessa carta: a segunda viagem à Índia. O Coronel Leslie, que à época era secretário particular do Marajá de Dewas, um estado nativo na região central da Índia, sofreu um acidente grave ao tentar descer de um trem em movimento. Foi isso o que ele levou à Inglaterra, para se recuperar, enquanto E.M.Forster seguia a Índia para assumir o seu cargo interinamente. E ainda que tenham sido apenas seis meses, nesse pouco tempo ele enfrentou inúmeros problemas, muitos deles causados por conta de sua ingenuidade: ele trocou cartas com o seu predecessor, o que causou um

profundo mal-estar. As cartas, embora de um conteúdo incauto (tratavam das atividades cotidianas), despertaram a desconfiança e a ira do Coronel, que pretendia voltar à Índia e reassumir suas funções. Além disso, os jardins do novo Palácio, que tinham começado a ser erguidos quando da primeira visita de Forster, em 1912, acabaram se mostrando um tormento. O Coronel havia planejado um imenso jardim, mas se esqueceu de completar o sistema de irrigação. O resultado não podia ser outro: os jardins se tornaram “um monte de estrume e lixo” (1983, p.142), como escreveu o Coronel em carta ao Marajá. “Fomos trocando cartas de maneira civilizada, mas com um pouco de apreensão de minha parte: ele parecia incomodado” (1983, p.142). O Coronel achava que ele tramava manchar sua reputação e, com isso, ficar com o cargo — “o Coronel nunca entendeu que eu não queria ficar em Dewas de maneira definitiva,” (FORSTER, 1983, p.142), escreveria ele anos depois. Assim, diante das desconfianças, e até das ameaças do Coronel, a situação foi ficando cada vez mais complicada para o Marajá, que em breve teria que aceitá-lo de volta. Nos últimos tempos, a situação ficou praticamente insustentável.

Deixar a Índia depois de tantos problemas deve ter sido um alívio. O certo é que tudo isso suscitou algumas mudanças de concepções. Teria sido o ressentimento com o ocorrido em Dewas que modificou sua visão sobre os indianos? Talvez. O fato é que sua vida pessoal como um todo começou a se sobrepôr às suas antigas inquietações, e até mesmo à literatura. Os desdobramentos disso, em conjunto com o que ele observava na esfera política, algo que era discutido por seus amigos do *Bloomsbury*, o fizeram se distanciar da ficção. De muitas maneiras, depois de retornar da Índia e de concluir *A Passagem à Índia*, ele estava dando um passo para iniciar uma nova fase em sua vida.

Conclusões

Forster reagiu à sua maneira ao mundo que o rodeava — na infância se isolou, dado o ambiente opressor em Tonbridge; em Cambridge conseguiu se sair melhor, encontrando pessoas com que compartilhava suas ideias e que o

fizeram amadurecer e a aderir a ideias e concepções que sustentaria pelo resto de sua vida. No entanto, à época da eclosão do conflito, sua vida era outra, e seu enfrentamento se dava com o mundo real. E ele resistiu a esse mundo. Resistiu às mudanças, resistiu a sua dureza e a incerteza que o caracterizava. Resistiu. Resistiu porque essa era uma reação quase tão natural quanto esperada. Depois que retornou de Alexandria, e durante a uma década que se seguiu, ele se sentia inseguro, dada a imprevisibilidade daquele mundo ameaçado pela ideia de uma revolução comunista, pela crise econômica e pelo avanço do fascismo. Tinha dificuldades para assimilar as mudanças em curso e achava que tudo estava acabado — em carta a seu amigo indiano, Syed Massod, de 29 de dezembro de 1915, ele escreveu: “Tudo com o que eu me importo na civilização se foi para sempre e eu estou tentando viver sem novas esperanças ou medos” (FURBANK; LAGO, 1983, p.232-233).

Havia uma sensação de ruptura irreversível. O próprio Hobsbawm o admite: “Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante que muitos — inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de seus membros centro-europeus — se recusavam a ver qualquer continuidade com o passado. ‘Paz’ significava ‘antes de 1914’; depois disso veio algo que não merecia esse nome” (HOBBSAWM, 2011, p.30).

Diante dessas mudanças, na medida em que a década de 1920 foi avançando, ele não conseguiu ficar indiferente como tinha feito antes. Sua reação é um reflexo da maneira, como escreveu Virginia Woolf, ele era “extremamente suscetível a influências de seu tempo” (WOOLF apud BEUAMAN, 1993, p.285). Mais do que qualquer outra coisa, seja a sexualidade ou a falta de ímpeto criativo, a situação social e política da Inglaterra, e da Europa, dos anos que se seguiram a Versalhes, funcionou como uma espécie de buraco negro sugando-o para dentro. De repente ele se viu atraído pela complexidade dos problemas a seu redor e viu o quanto sua ficção era impotente diante disso. No começo da década de 1920, quando ainda estava em vias de concluir *A Passageto Índia*, ele já havia começado a sentir os efeitos dessa situação sobre sua literatura e a dar pequenas demonstrações de que ele deveria seguir um outro caminho. Em seu diário, em 18 de setembro de

1923, Virginia Woolf registrou uma conversa entre eles: “Falamos sobre os seus romances. ‘Não me parece que eu seja um romancista,’ afirmou ele. Subitamente eu disse: ‘Não, não me parece que seja.’ Ah! exclamou ele vivamente, interessado, sem se melindrar. Mas o L[eonad] negou. ‘Não estou de modo nenhum abatido por causa da minha carreira literária,’ disse ele” (WOOLF, 1985, p.329).

A crise que se seguiu após a publicação *HowardsEnd* parecia ser apenas uma coisa momentânea. No entanto, com o passar dos anos e adentrando a década de 1920, ele começou a perceber que as coisas eram muito mais sérias e complexas do que pareciam à primeira vista. Não era um mero bloqueio criativo, mas um completo distanciamento da ficção o que se operava. Não era apenas uma crise de ansiedade gerada pelo sucesso repentino de seu último livro, porque nenhuma ansiedade dura tanto tempo, mas o começo do fim de sua carreira como escritor. E o interessante é que ele parecia não se preocupar muito com isso, como deu a entender nessa conversa registrada por Virginia Woolf. O processo parece ter sido indolor.

Se indolor ou não, o fato é que se deu paulatinamente — e ele parece ter demorado para ter uma dimensão do processo como um todo. Em maio de 1936 ele registrou em seu *Commonplace Book* aquilo que vinha ocorrendo: “Luxúria, diversão, afeto e temores são meus entraves e distrações: medo do mais forte dos quatro, [ou seja], o temor do colapso da civilização que parece devorar por baixo qualquer coisa que eu faça” (FORSTER, 1987, p.101). Em 1943, ele escreveria: “Eu me deixei levar por [coisas] banais (como a vida doméstica) e por trivialidades (como Liberdades Cívicas, a B.B.C.)” (FORSTER 1987, p.150-151). O intervalo de tempo entre esses dois registros pode ser curto, mas é certo que o tempo que ele levou para maturar e chegar a essas conclusões foi grande. As coisas não estavam claras para ele até o começo da década de 1930. Na medida em que ele foi vivendo sua sexualidade e atuando e conseguindo mais espaço na imprensa, e no rádio (a partir de 1929), ele foi percebendo o que realmente ocorria. Não havia apenas uma vontade de parar de escrever, não havia apenas uma inadequação e uma incompreensão que limitavam seu trabalho como romancista profissional, havia, como ele mesmo

anotou, um certo relapso. Havia inúmeras distrações. Em vez de escrever, ele poderia pensar em uma infinidade de outras coisas que poderia querer fazer. E havia motivos para isso: amigos e a disponibilidade de sexo, como frisou Wendy Moffat. Ao longo da década de 1920, ele começou a viver sua sexualidade de maneira mais intensa, impulsionado pelas novas amizades, como a com Joe Ackerley e Sebastian Sprott (MOFFAT, 2010, p.197 e 211-212). Foi nessa época que ele preencheu um vazio que o consumia desde o começo da vida adulta.

E *A Passagetolndia* foi um último suspiro daquela fase iniciada em 1905, com a publicação de *Where Angels Fear to Tread* [Onde os anjos temem pisar]. O período de composição deste, que foi o último romance publicado em vida, diz muito sobre o resultado final, ou seja, que “os eventos entre os anos de 1919 e 1920, ambos no Egito e na Índia [lugares em que ele tinha estado], o afetaram profundamente e que eles se fizeram sentir de muitas maneiras em *A Passagetolndia*. O romance, qualquer que tenha sido sua concepção original, foi profundamente influenciado por isso” (FURBANK, 2010, p.70). Mas não foi só o romance. O homem por detrás do romancista começava a se preocupar com política. A gestação do crítico e ensaísta se deu nesses anos, entre 1919 e 1924 — o *homem* e o *crítico* acabaram emergindo enquanto o *romancista* submergia em meio às profundas transformações que andavam em curso. E é isso o que faz desse romance uma peça importante na vida de E.M.Forster: não foi só o sucesso estrondoso que fez seu nome ficar mundialmente conhecido, mas também a porta que ele cerrou. Parece que o desgaste para concluí-lo o levou a tomar a decisão, a de que não escreveria mais romances. E assim o fez.

Bibliografia

CANALES, ESTEBAN. **La Inglaterra Victoriana**. Madrid: Akal Ediciones, 2008.
FERGUSON, Niall. **Império: como os britânicos fizeram o mundo moderno**. São Paulo: Planeta, 2010.

FURBANK, P.N. **E.M.Forster: a life**. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 2010.

FURBANK, P.N.; LAGO, Mary (org.) **Selected Letters of E.M.Forster: volume two: 1921-1970**. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985.

FORSTER, Edward Morgan. **Abinger Harvest**. London: Edward Arnold, 1946.

FORSTER, Edward Morgan. **Two Cheers for Democracy**. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951

FORSTER, E.M. GARDNER, Philip (org.) **Commonplace Book**. Wildwood House, 1988.

FORSTER, E.M. **The Hill of Devi**. London: Penguin Books, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MacMILLAN, Margaret. **Paz em Paris, 1919: A Conferência de Paris e seu Mister de Encerrar a Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

TAYLOR, A.J.P. **Historia de Inglaterra: 1914-1945**. Ciudad do Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989.

PUGH, Martin. **State and Society**. London: Bloomsbury, 2012.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOOLF, Virginia. **Diários: Primeiro volume: 1915-1926**. Lisboa: Bertrand, 1985.